

**UNIVERSIDADE TECNOLÓGICA FEDERAL DO PARANÁ
DIRETORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO: MÉTODOS E TÉCNICAS DE ENSINO**

VANESSA STEFANI DE SOUZA

**ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO:
Uma reflexão sobre o tema**

MONOGRAFIA DE ESPECIALIZAÇÃO

MEDIANEIRA

2013

VANESSA STEFANI DE SOUZA



**ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO:
Uma reflexão sobre o tema**

Monografia apresentada como requisito parcial à obtenção do título de Especialista na Pós Graduação em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo UAB do Município de Goioerê, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná – UTFPR – Câmpus Medianeira.

Orientador(a): Prof.^a. Ma. Maria Fatima Menegazzo Nicodem.

MEDIANEIRA

2013



TERMO DE APROVAÇÃO

Altas Habilidades e Superdotação: Uma reflexão sobre o tema

Por

Vanessa Stefani de Souza

Esta monografia foi apresentada às 10 h do dia 14 de Dezembro de 2013 como requisito parcial para a obtenção do título de Especialista no Curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino - Polo de Goioerê, Modalidade de Ensino a Distância, da Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Câmpus Medianeira. O candidato foi arguido pela Banca Examinadora composta pelos professores abaixo assinados. Após deliberação, a Banca Examinadora considerou o trabalho Aprovado.

Prof^a. Ma. Maria de Fatima Menegazzo Nocodem
UTFPR – Câmpus Medianeira
(orientadora)

Prof Dr. Fernando Periotto
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Ma. Marlene Magnoni Bortoli
UTFPR – Câmpus Medianeira

Prof^a. Especialista Joice M^a. M. Juliano
UTFPR – Câmpus Medianeira

- O Termo de Aprovação assinado encontra-se na Coordenação do Curso.-

Dedico este trabalho a minha família pela fé e confiança demonstrada. Aos professores pelo simples fato de estarem dispostos a ensinar. Aos orientadores pela paciência demonstrada no decorrer do trabalho. Enfim a todos que de alguma forma tornaram este caminho mais fácil de ser percorrido.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida e pela oportunidade de estar realizando este trabalho.

A minha família, pelo incentivo e colaboração, principalmente nos momentos de dificuldade.

A minha orientadora professora Ma. Maria de Fatima Menegazzo Nicodem, pelas orientações ao longo do desenvolvimento da pesquisa.

Agradeço aos professores do curso de Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino, professores da UTFPR, Câmpus Medianeira.

Agradeço aos tutores presenciais e a distância que nos auxiliaram no decorrer da pós-graduação.

Enfim, sou grata a todos que contribuíram de forma direta ou indireta para realização desta monografia.

“A Superdotação é uma qualidade da família mais do que uma qualidade que diferencia a criança do resto de sua família”. (L.K. SILVERMAN)

RESUMO

SOUZA. Vanessa Stefani de. Altas Habilidades e Superdotação: Uma reflexão sobre o tema. 2013. 42 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

Este trabalho teve como temática Altas Habilidades e Superdotação: Uma reflexão sobre o tema. Esta pesquisa bibliográfica buscou identificar o comportamento social e interativo dos alunos com altas habilidades e superdotação, os quais tem na escola e no relacionamento afetivo com as demais pessoas dentre elas a família, suas relações sociais. Dessa forma, através de uma pesquisa bibliográfica foi possível concluir que muitos alunos superdotados sofrem com problemas de aprendizagem e de relacionamento no ambiente escolar. Assim, foi possível constatar fortes indícios de que essa problemática seja oriunda de falta de conhecimento e de compreensão por parte dos profissionais da educação e também no ambiente familiar. Ao longo deste estudo, portanto, procurou-se estabelecer que a afetividade, em muitos casos, potencializa o contato social, afetivo e escolar dos alunos superdotados, fazendo com que esses, desenvolvam plenamente as suas habilidades sem perder as características comuns às suas idades. O estudo revelou, portanto, que com a construção de um ambiente afetivo e mais conhecimento para a detecção desses sintomas, a família e, sobretudo, a comunidade escolar têm papéis fundamentais na formação e no desenvolvimento cognitivo e social dos alunos superdotados podendo desenvolver uma educação de qualidade.

Palavras-chave: Altas Habilidades. Superdotação. Educação.

ABSTRACT

SOUZA. Vanessa Stefani de. High skills and Giftedness: a reflection on the topic. 2013. 42 folhas. Monografia (Especialização em Educação: Métodos e Técnicas de Ensino). Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Medianeira, 2013.

This work had as its Theme High skills and Giftedness: a reflection on the topic. This bibliographical research sought to identify the social and interactive behavior of students with high abilities and giftedness, which has school and affective relationship with other people, among them family, their social relations. In this way, through a bibliographical research it was possible to conclude that many gifted students suffer from learning problems and relationship in the school environment. Thus, it was possible to find strong evidence that this problem is arising out of lack of knowledge and understanding on the part of professionals of education and also in the family environment. Throughout this study, therefore, sought to establish that the affectivity, in many cases, enhances the social contact, affective and school of gifted students, making these, fully develop your skills without losing the characteristics common to their ages. The study revealed that with the construction of an affective environment and more knowledge for the detection of such symptoms, the family and, especially, the school community have key roles in the formation and development of cognitive and social gifted students may develop a quality education.

Keywords : High Skills. Giftedness. Education.

Sumário

1 INTRODUÇÃO	10
2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA	11
3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA	13
3.1 ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO: HISTÓRICO E CONCEITOS.....	13
3.2 CARACTERÍSTICAS DO SUPERDOTADO.....	18
3.3 DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL	24
3.4 O PAPEL DA ESCOLA NA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO	26
3.5 O PAPEL DO DOCENTE	28
3.6 O PAPEL DA FAMÍLIA	31
4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	36
REFERÊNCIAS.....	38

1 INTRODUÇÃO

A vida de uma criança rotulada superdotada pode oscilar entre dois extremos: o centro das atenções e o isolamento. Por conta disso, estudos mostram que é, de fato, possível estabelecer um equilíbrio saudável que, de certa forma, aproveite as suas altas habilidades sem perder as atividades comuns à infância.

Além disso, novas técnicas pedagógicas podem potencializar o desenvolvimento intelectual, artístico e psicomotor dessas crianças, já que, na maioria das vezes, elas são ávidas e rápidas em relação às demais crianças para a resolução das atividades pertinentes a sua faixa etária. Porém, diante dessas qualidades aparecem problemas afetivos e comportamentais que, em suma, fazem com que essas crianças se sintam incompreendidas e veem na escola um ambiente desfavorável às suas necessidades.

Sendo assim, este estudo tem como objetivo identificar o comportamento social e interativo das crianças superdotadas, salientando, a priori, os indivíduos em idade escolar nos quais têm na escola e no relacionamento com as demais pessoas, suas relações sociais. Além disso, é importante estudar as características comuns ao superdotado, bem como, as suas causas e conseqüências a fim de conhecer quais e quem são os agentes que podem contribuir para o efetivo desenvolvimento, tanto social quanto intelectual desses indivíduos.

Nesse sentido buscou nessa pesquisa relatar as relações estabelecidas entre o superdotado e a escola evidenciando, por sua vez, o papel dessa última na formação, estruturação e desenvolvimento do primeiro diante de suas dificuldades a priori apresentadas. Além do mais, embora a escola tenha relevante importância nesse processo, tem-se que considerar as ações docentes e familiares e, principalmente, a integralização desses agentes em torno do objetivo maior: levar o superdotado a uma vida saudável no aspecto social bem como no aspecto intelectual. Além disso, vários autores falam sobre a importância da constituição de um ambiente carregado de estímulos e, sobretudo, com a presença da afetividade nas relações familiares e escolares, fazendo com que estes tenham dinamizadas as suas relações sociais e comportamentais potencializando, portanto, as suas habilidades.

2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Esta pesquisa é de cunho bibliográfico, sendo que esta destinada a identificar o comportamento dos alunos com altas habilidades e superdotação e destacar as dificuldades de interação que este aluno possui.

Segundo Cervo e Bervian (1976, p. 69) qualquer tipo de pesquisa em qualquer área do conhecimento, supõe e exige pesquisa bibliográfica prévia, quer para o levantamento da situação em questão, quer para a fundamentação teórica ou ainda para justificar os limites e contribuições da própria pesquisa.

Assim, a pesquisa bibliográfica é um excelente meio de busca de formação e aprimoramento de saberes constituindo o primeiro passo de toda pesquisa científica.

A pesquisa bibliográfica relaciona a um “conjunto de conhecimentos reunidos nas obras tendo como base fundamental conduzir o leitor a determinado assunto e à produção, coleção, armazenamento, reprodução, utilização e comunicação das informações coletadas para o desempenho da pesquisa”. (FACHIN, 2003, p. 125).

A pesquisa Bibliográfica foi realizada através de estudos e pesquisas em diversos materiais como: Livros, Revistas, Artigos, Sites da Internet e entre outros, buscando unir maior número de dados e fundamentação teórica para embasar esse projeto de pesquisa. Segundo Lakatos e Marconi (1987, p. 66):

(...) a pesquisa bibliográfica trata-se do levantamento, seleção e documentação de toda bibliografia já publicada sobre o assunto que está sendo pesquisado, em livros, revistas, jornais, boletins, monografias, teses, dissertações, material cartográfico, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o mesmo.

Nesse caso o pesquisador e escritor faz o relato do problema detectado em determinada pesquisa, e transmite ao leitor um conteúdo cientificamente produzido e elaborado.

O interesse por este tema de pesquisa surgiu a partir da vivência diária dentro de uma instituição de ensino da rede municipal, visto, que hoje é um dos assuntos muito discutidos, mas que ainda algumas pessoas não possuem os conhecimentos necessários.

Em algumas conversas foram percebidas as maiores ansiedades demonstradas pelos profissionais da educação são: Como detectar esse aluno?; Como proceder durante a prática pedagógica?; Como despertar o interesse por determinados conteúdos?; Entre outras questões.

No entanto, procurou-se informações a partir de pesquisas bibliográficas e teorias diversas, para se chegar as respostas sanando dúvidas desses professores.

Nessa pesquisa não houve a coleta de dados, mas houve conversas informais e observações para detectar curiosidades dos professores.

3 DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA BIBLIOGRÁFICA

3.1 ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO: HISTÓRICO E CONCEITOS

Até o início do século XX não havia de se quantificar atributos da inteligência, o que começou a se tornar possível quando Alfred Binet, um psicólogo francês, desenvolveu a primeira escala de desenvolvimento infantil. Milhares de crianças foram observadas sistematicamente, possibilitando a identificação e a descrição das tarefas que podiam ser desempenhadas em cada etapa do desenvolvimento cronológico infantil.

A partir do trabalho de psicólogos, o conceito de superdotação foi ampliado, passando a incluir a criatividade e seus vários componentes, como por exemplo, pensamento divergente, solução de problemas e a capacidade de tomada de decisão.

Ainda, mais recentemente, acrescentou-se ao conceito de superdotação termo talento, de forma que “indivíduos que demonstram habilidades marcantes nas artes de representação, ou mesmo que excedem em outras áreas de desempenho, podem igualmente ser designados como superdotados” (HARDMAN et al., 1993).

Assim, foi-se gradativamente alterando a concepção de superdotação, no sentido de ampliar sua significação. Segundo Hardman et al. (1993), os termos “superdotado” e “talentoso” se refere a crianças e jovens, identificados na pré escola, no ensino fundamental ou no ensino médio, como possuidores de habilidades potenciais ou demonstradas, que evidenciam alta capacidade de desempenho.

Em 1991, Ramos-Ford e Gardner propuseram uma nova forma de considerar a inteligência, ou dotação, através de uma teoria que tem sido mencionada como a teoria da inteligência múltipla.

Como se pode perceber, a concepção de inteligência foi se ampliando no decorrer do tempo, com implicações importantes para a prática educacional, e mais especificamente, para a prática pedagógica do professor, em sala de aula, especialmente no que se refere à identificação das necessidades educacionais especiais do aluno e ao seu ensino.

O termo “superdotado” é usado para indicar alguma criança que se destaca das demais, podendo ser em habilidades específicas ou gerais dentro de seus ambientes de convívios cotidianos.

A definição de superdotados descrita pelo MEC (Ministério da Educação e Cultura) é de que são considerados superdotados todos aqueles que apresentam desempenho mais aguçado e também elevada potencialidade e habilidade em qualquer um dos seguintes aspectos, podendo ser isolados ou combinados: capacidade intelectual geral, aptidão acadêmica específica, pensamento criador ou produtivo, capacidade de liderança, talento especial, dramáticas e musicais.

De acordo com as Diretrizes para educação especial (MEC, 1995), o tipo intelectual seria aquele que apresenta flexibilidade e fluência do pensamento, capacidade de pensamento abstrato para fazer associações, produção ideativa, rapidez do pensamento, julgamento crítico, capacidade de resolver e lidar com problemas; o tipo acadêmico apresenta aptidão acadêmica específica concentração, rapidez de aprendizagem, boa memória; o tipo criativo apresenta originalidade, imaginação, capacidade para resolver problemas de forma diferente e inovadora; tipo social que revela a capacidade de liderança e persuasão; o tipo criativo, que apresenta flexibilidade, facilidade de auto expressão; o tipo psicomotor, que se destaca nos esportes, agilidade e resistência e finalmente os tipos especiais, que revelam destaques nas artes plásticas, músicas e literatura.

Essas características descritas como superdotação, podem ser encontradas combinadas entre si, além de ter a possibilidade de aparecimento de outras características e habilidades. Portanto, nem todos os alunos superdotados apresentam um conjunto dessas características, e quando as tem, não a apresentam necessariamente em simultaneidade, às vezes são camufladas dependendo as circunstâncias que a criança esta vivendo.

Há também aqueles que possuem altas habilidades e superdotação, mas têm rendimento escolar inferior ao nível de estudo o qual esta inserido, então, manifestam falta de interesse e desmotivação para os estudos acadêmicos e para a rotina escolar, podendo também apresentar dificuldades de socialização e integração ao grupo de alunos, desencadeando problemas de aprendizagem e de adaptação escolar. Esses alunos por muitas vezes acabam por ser “podados” pelos profissionais da educação quando não identificados, pois eles são enxergados pelas

dificuldades que apresentam e não pelas qualidades ou habilidades que devem ser estimuladas.

A identificação e avaliação dos alunos com altas habilidades e superdotação é processual e contínua, podendo ocorrer a partir da observação do professor sobre os alunos que se destacam dentre os demais alunos da turma. Depois os pais devem ser consultados sobre o dia a dia dessa criança no ambiente familiar, verificando se é percebido essa habilidade ou se a família tem estimulado essa área na criança. Verificar como o aluno se apresenta em relação aos demais alunos; Realizar avaliação pedagógica para que se revele realmente a área da habilidade ou superdotação e quais as dificuldades que esse aluno possui; E fazer testes devidamente padronizados para que se chegue a um resultado concreto, e finalmente inserir esse aluno nos programas adequados, levando ao desenvolvimento de suas potencialidades.

O aluno com altas habilidades e superdotação pode ser descoberto em qualquer uma das etapas da escolarização, mas o quanto antes for identificado poderá ter mais atendimento especializado e ser estimulado dentro de sua área de interesse. Cabe essa responsabilidade ao professor de estar redimensionando seu olhar através de estudos, pesquisas e formações continuadas estar fazendo um diagnóstico minucioso e detalhado desses alunos, para que se possa trabalhar dentro da área de interesse desses alunos e orientar a família como lidar com essa superdotação. Conforme o Plano Nacional de Educação,

não há como ter uma escola regular eficaz quanto ao desenvolvimento e aprendizagem dos educandos especiais sem que seus professores, demais técnicos, pessoal administrativo e auxiliar, sejam preparados para atendê-los adequadamente. (BRASIL, 2001, p. 128)

Nesse sentido, a escola e seus profissionais devem estar devidamente preparados para atender essa clientela e também precisa assumir uma postura primordial frente a essa realidade existente, a de estar fazendo a inclusão desses alunos superdotados, já amparados pela legislação há algumas décadas, como o a LDB nos termos do Artigo 24, V, “c”, da Lei 9.394/96: que expõe a resolução do Conselho Nacional de Educação: As escolas da rede regular de ensino devem prever e prover na organização de suas classes comuns: (..) IX – atividades que

favoreçam, ao aluno que apresente altas habilidades/superdotação, o aprofundamento e enriquecimento de aspectos curriculares, mediante desafios suplementares nas classes comuns, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, inclusive para conclusão, em menor tempo, da série ou etapa escolar. Em virtude disso, os alunos com altas habilidades e superdotados, amparados, portanto, pela legislação brasileira, necessitam de ações diferenciadas a fim de garantir o seu desenvolvimento escolar. Para isso, portanto, há a necessidade de se pensar a educação, dentro dela a escola, como inclusiva, ou seja, que promova a integração e o desenvolvimento de todos os alunos, desde aqueles com déficits quanto com altas habilidades e superdotação.

No Brasil, o aluno com altas habilidades e superdotação possui algumas alternativas para o atendimento diferenciado como: enriquecimento curricular, sala de recursos e aceleração de estudos. O aluno pode ter esses três atendimentos dependendo da realidade em que vive e se a escola permitir.

Estraliote et al. (2006) comenta a importância da escola em promover, dentro do seu contexto escolar, o pleno convívio de todos os alunos num ambiente sem atitudes preconceituosas, nos quais as diversidades contribuam para a evolução social e intelectual de um modo geral.

Holetz (2004) reforça essa ideia, quando coloca que é na escola que o superdotado pode revelar as suas faces diante de comportamentos, que podem levar desde uma evolução e aprimoramento de suas habilidades até ao comportamento tedioso que, em muitos casos, reproduzem um aproveitamento escolar insatisfatório.

Sendo assim, a escola pode ser fundamental na identificação destes alunos que, em muitos, desconhecem suas capacidades e, ainda, contribuir no sentido de conscientizá-los sobre as suas amplas inteligências dentro do contexto escolar e social.

Shimma et al. (1995) chama atenção para esta problemática quando salienta que, em muitas vezes, o aluno superdotado fica deslocado dentro de uma sala de aula normal, tornando-a uma criança indisciplinada e, em boa parte dos casos, criarem inimizades e problemas de relacionamento com os demais alunos.

Deste modo, o conhecimento escolar se faz valer através da identificação das causas desses comportamentos, pois, através de determinadas ações é

possível resolver, mesmo que momentaneamente, algumas situações, até mesmo de transtorno, em que passam esses alunos.

Um dos problemas mais comuns em superdotados é a ociosidade, ou seja, a sua capacidade de resolver as atividades escolares faz com que as termine em um tempo muito menor que os demais alunos, assim, fica com tempo ocioso, esperando até que o grupo termine as atividades.

Essa ação de esperar os demais acaba deixando uma criança superdotada com comportamento agitado, desinteressado, em atitudes de falta de disciplina e, sobretudo, mentalmente introvertido, assim;

[...] o primeiro problema que a criança bem-dotada enfrenta, em sala de aula, é o tempo de espera. Ela perde muito tempo, pois, de um modo geral, aprende mais rápido e, desta forma, resolve as situações escolares mais depressa que os colegas, e, como resultado, está sempre esperando que os outros terminem o que já fez. Para preencher esse espaço vazio, algumas crianças volta-se para si mesmas, alienando-se voluntariamente do que está acontecendo em sala de aula, distraíndo-se, deixando passar o tempo. Esse tipo de comportamento pode criar um desinteresse por parte do aluno com relação ao trabalho escolar, e acabar baixando sua produção ao mínimo necessário. Alguns, inclusive, aprendem a trabalhar num ritmo mais lento para acompanhar seus colegas e tornar a aula menos tediosa. Outros vão simplesmente preencher o tempo vago com outras atividades, que em nada tem haver com o conteúdo ministrado, que podem ser desde ler um livro ou historinhas em quadrinhos, desenhar, ou até cometer indisciplina. Seja qual for a situação adotada pela criança, o resultado final é sempre uma ameaça sobre a criança, que além de ser considerada inconveniente pelos professores, terá seu potencial totalmente ou parcialmente intocado, a ponto de se tornar um aluno “médio” na escola e, provavelmente, na vida. (FREEMAN E GUENTHER apud HELETZ, 2004).

Assim, podemos perceber que a falta de planejamento e acompanhamento para com o superdotado, faz com que o mesmo regreda em questão de aprendizagem, pela necessidade de não possuir um mediador comprometido com o desenvolvimento de suas habilidades acadêmicas ou outras.

Nesse sentido, se faz necessário que o aluno com altas habilidades e superdotação já identificados, passe a frequentar além da sala de ensino regular, a sala de recursos multifuncional em contra turno escolar, para que, com esse atendimento educacional especializado possa desenvolver suas habilidades dentro

de áreas específicas, proporcionando a esse aluno um aceleração nos seus estudos, enriquecimento curricular e que possa desenvolver projetos de pesquisas e desenvolvimento de estudos.

Sobre a organização do trabalho pedagógico, o Parecer 17/2001, determina que sejam oferecidas:

(...)atividades que favoreçam o aprofundamento e o enriquecimento de aspectos curriculares aos alunos que apresentam superdotação, de forma que sejam desenvolvidas suas potencialidades, permitindo ao aluno superdotado concluir em menor tempo a educação básica, nos termos do Artigo 24, V, "c", da LDBEN. (BRASIL, MEC/SEESP, 2001, p. 48-49)

No entanto, segundo as diretrizes do MEC (Brasil, 1995), e as prerrogativas que sustentam a Escola inclusiva que, por sua vez, norteiam a ideia de que todos os alunos devem estar em escolas comuns, é fato apontar, então, que os currículos educacionais das escolas congreguem metodologias e ações especiais em que os alunos superdotados tenham orientação e materiais adequados para suprir as suas necessidades educacionais.

3.2 CARACTERÍSTICAS DO SUPERDOTADO

Embora seja um grupo de alunos heterogêneo, é importante considerar que nem todos os alunos vão apresentar todas as características aqui listadas, sendo algumas mais típicas de uma área do que de outras, conforme ressaltam Alencar e Fleith (2001).

Características comportamentais: Necessidades de definição própria; capacidade de desenvolver interesses; aborrecimento fácil com a rotina; busca de originalidade e autenticidade; desejo pelo aperfeiçoamento pessoal; rejeição de autoridade excessiva; fraco interesse por regulamentos; senso de humor altamente desenvolvido; descuido na escrita; impaciência com detalhes.

Características de aprendizagem: Podem apresentar poder de observação, exibir uma percepção clara do que é significativo e ser especialmente atencioso; podem ler bastante independência, mostrando preferência por livros e revistas escritos para crianças mais velhas; frequentemente demonstram grande prazer na atividade intelectual; apresentam capacidades bem desenvolvidas de abstração, de conceituação e de síntese; podem rapidamente perceber semelhanças, diferenças e anomalias; frequentemente abordam um material complexo, dividindo-o em seus componentes e analisando-os sistematicamente.

Características de pensamento criativo: Segundo Vidal apud Stein (1975) os indivíduos criativos têm uma percepção intuitiva aberta e não julgadora; formação acidental de conceitos; curiosidade aliada a um alto nível de inteligência; senso de humor; grande sensibilidade estética; gosto pelo risco; fortes interesses simbólicos. De acordo com Kneller (1976 *apud* Novaes, 1979) o indivíduo criativo pode ser inconformista; humorista; originalidade; capacidade de elaboração; persistência e dedicação; malabarismo intelectual; flexível.

Segundo Stein (1975), um dos componentes fundamentais do ato criativo é a independência e, por este motivo, o indivíduo excepcionalmente criativo apresenta forte senso de liberdade para com os seus atos; ele não admite relações de dependência para com os outros.

Já Torrance (1969) observa que o problema fundamental do indivíduo criativo consiste em aprender a enfrentar a desconformidade que resulta da sua divergência. Isto leva a dificuldades diversas relacionadas a como lidar com as pressões sociais sendo-se uma pessoa fortemente original e quase que compulsivamente inovadora.

As características descritas anteriormente podem se manifestar de forma construtiva, favorecendo a aprendizagem e boas socializações interpessoais, como podem se manifestar de forma dificultadora, delimitando as relações interpessoais e sendo, difíceis e dolorosas. Ocorrendo intolerância, e falta de compreensão por parte dos colegas bem como o aluno ser considerado “diferente” pelos professores. Essas situações pode levar o aluno para o isolamento e posteriormente exclusão do grupo social.

Para Gama (2006), a superdotação em crianças e adolescentes, é composta por três fatores: precocidade ou talento; pensamento divergente (criativo e/ou crítico) e dedicação obstinada a determinadas tarefas.

“A precocidade está sempre relacionada não ao comportamento ou forma de pensamento propriamente ditos, mas, à idade em que estes são exibidos [...]” (GAMA, 2006, p. 65). Assim as crianças precoces apresentam um desenvolvimento acima da média superando o nível esperado para sua idade, sendo prematuro em qualquer área do conhecimento, como exemplo: Uma criança que lê antes dos quatro anos de idade.

Depois vem o prodígio, refere-se àquelas crianças que, em uma idade precoce até os dez anos demonstram um desempenho ao nível de um profissional adulto em algum campo cognitivo específico, ou seja, criança com habilidades extremas, capaz de desempenhar tão bem quanto um adulto, o que parece contrariar a ordem normal da natureza, podendo vir a causar desconforto e estranhamento, como exemplo: Mozart, que com três anos de idade já tocava piano maravilhosamente bem, superando qualquer profissional adulto.

O Gênio também pode ser uma classificação de acrianças com altas habilidades/superdotação, sendo, caracterizado como gênio aquele que transforma um campo de conhecimento com consequências fundamentais e irreversíveis a partir de estudos e pesquisas buscando conhecimentos e deixando grandes contribuições para a sociedade, é aquele que, além de deixar sua marca pessoal no seu campo de atuação, leva as pessoas a pensarem de forma criativa e diferente. Para a comunidade científica, o uso do termo “gênio” deve ser resguardado para descrever apenas aquelas pessoas que deram contribuições originais e de grande valor à humanidade. Os gênios são os grandes realizadores da humanidade que mudaram os paradigmas de um tempo, aqueles cujo conhecimento e capacidades são incrivelmente excepcionais e únicos. Como exemplos podem citar: Einstein, Freud, Leonardo da Vinci. Que dentro de sua área de atuação e pesquisa contribuíram para o desenvolvimento da sociedade atual.

Segundo Gama (2006), uma criança capaz de tocar violino aos sete anos, com a competência de um músico; resolver problemas algébricos aos nove ou começar a falar por volta dos três ou quatro meses de vida, está sujeita à rejeição daqueles que a cercam por conta da não compreensão de seus feitos.

Entre estas crianças precoces, “algumas vão apresentar outras características de superdotação quando mais velhas, outras não”. (GAMA, 2006, p. 60).

O pensamento divergente, outro fator da superdotação segundo Gama, é representado pela “capacidade de pensar respostas novas, de dar soluções diferentes para problemas abertos” enquanto que o pensamento convergente almeja encontrar “a resposta certa, aquela que foi definida a priori”.

Na verdade, a distinção entre pensamento criativo e pensamento crítico é apenas uma forma de diferenciar alunos superdotados que dão preferência à criação de produtos novos – pinturas, músicas, coreografias, textos literários, poemas, etc. – daqueles que dão preferência à resolução de problemas – matemáticos, científicos, ou outros – que não implicam no surgimento de um produto na concepção mais corriqueira da palavra [...]. (GAMA, 2006, p. 72-73)

Para Renzulli (1978, p. 182), as características para identificar uma superdotação são: habilidade acima da média; comprometimento com a tarefa; e criatividade. Para ele, o conjunto dessas três características define um superdotado, e a presença isolada de qualquer um destes traços não seria suficiente para definir a superdotação, pois é na interligação entre os três que se encontra a produção ou criação superior.

Assim a primeira é fundamental que manifesta a potencialidade superior em todo e qualquer campo do desempenho humano e envolve duas dimensões: habilidades gerais: incide na aptidão de processar e apreender informações, agregar experiências que resultem em respostas apropriadas e adequadas a novas situações e na capacidade de se engajar às experiências abstratas e, habilidades específicas: constituem-se na habilidade de adquirir conhecimento, prática e agilidade para atuar em uma ou mais atividades de determinadas áreas do saber e fazer; A segunda característica descrita pelo autor relaciona-se ao direcionamento específico de atuação na realização de tarefas o aluno apresenta algumas características no envolvimento com a tarefa: perseverança, persistência, dedicação e autoconfiança; A terceira envolve aspectos de: fluência, flexibilidade, originalidade de pensamento, abertura a novas experiências, curiosidade, sensibilidade e coragem para correr riscos. No entanto, essa característica, deve-se ressaltar que, a criatividade não está somente relacionada à área artística, mas também a qualquer área que o aluno se interesse, acreditando-se que o seu desenvolvimento e a motivação dentro no estudo de seu interesse ampliem as possibilidades deste ter

sucesso, alto nível de desenvolvimento. Ele acredita também que a superdotação possa ser uma transição. Observe na Figura 1 a descrição do modelo dos três anéis por Joseph Renzulli:

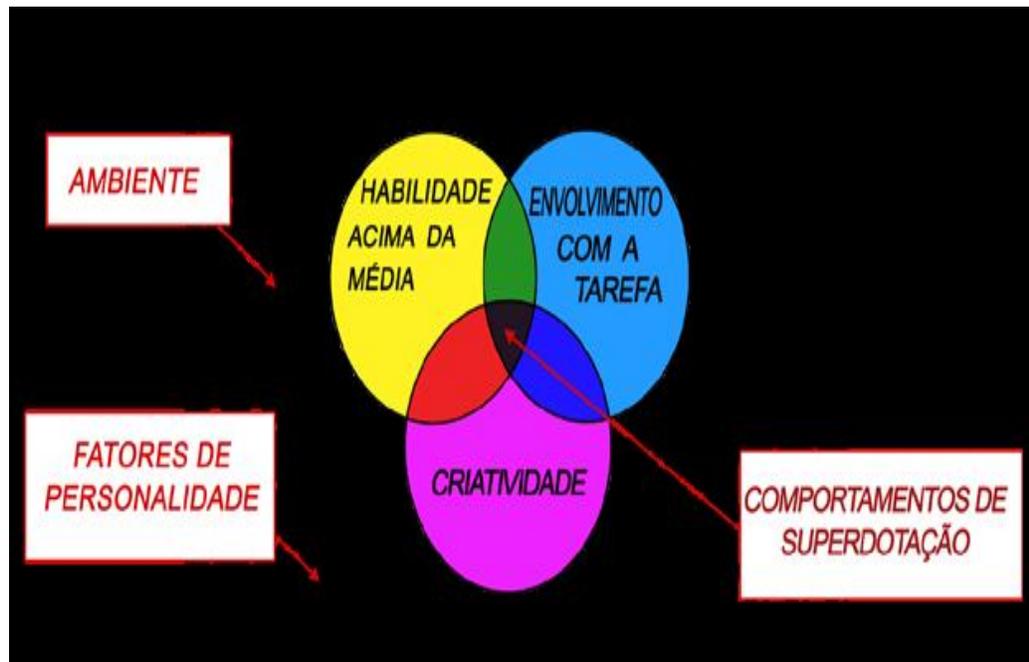


Figura 01- Modelo dos Três Anéis
Fonte: Joseph Renzulli (1978)

Observando o quadro acima, pode se dizer que o indivíduo pode apresentar algumas características de altas habilidades decorrente do meio e do estímulo ao qual vive. Mas para ser classificado como um superdotado há uma combinação de fatores e características que o define como um superdotado, ou seja, o aluno precisa ter associações de habilidades: Criatividade; Habilidade acima da média e comprometimento com a tarefa.

Segundo Renzulli e Reis, 1997: “A superdotação emerge ou “se esvai” em diferentes épocas e sob diferentes circunstâncias da vida de uma pessoa; assim, os comportamentos de superdotação podem ser exibidos em certas crianças (mas não em todas elas) em alguns momentos (não em todos os momentos) e sob certas circunstâncias (e não em todas as circunstâncias de sua vida).

De acordo com Freitas e Pérez (2010) a habilidade acima da média, um dos componentes da superdotação, só pode ser identificada investigando o contexto no qual a criança está inserida com as demais crianças da mesma realidade.

A habilidade acima da média pode ser detectada tendo como referência um grupo homogêneo de pessoas (por exemplo, os alunos de uma mesma turma escolar), da mesma faixa etária e aproximadamente da mesma origem socioeconômica (já que as oportunidades de expressão das AH/SD estão estreitamente vinculadas ao contexto) (FREITAS, PÉREZ, 2010, p.16).

Com base em diversos autores, Freitas e Pérez (2010, p.17) destacam boa parte das características mencionadas quando se trata de pessoas com AH/SD: precocidade, gosto e nível elevado de leitura; interesses variados e diferenciados; tendência a se associar com pessoas mais velhas; assincronismo; preferência por trabalhar ou estudar sozinhos; independência; autonomia; senso de humor refinado; sensibilidade estética muito desenvolvida; elevada capacidade de observação; liderança; gosto e preferência por jogos que exijam estratégia.

Gardner (1991) propôs uma nova forma de considerar a inteligência, ou dotação, através de uma teoria que tem sido mencionada como a teoria da inteligência múltipla. Como se pode perceber, a concepção de inteligência foi se ampliando no decorrer do tempo, com implicações importantes para a prática educacional, e mais especificamente, para a prática pedagógica do professor, em sala de aula, especialmente no que se refere à identificação das necessidades educacionais especiais do aluno e ao seu ensino.

Para Gardner (1991) crianças superdotadas dispõem de um alto nível de inteligência de padrão cru, ou seja, possui potencialidades, mas necessitam ser trabalhadas, desenvolvidas e aperfeiçoadas.

Gardner acredita que estas crianças, quando expostas a conteúdos específicos das inteligências nas quais tem potencial, bem como têm oportunidades para explorar tais conteúdos, possuem verdadeiras chances de se tornarem excepcionais em campos de atividade que dependem das inteligências em questão. (GAMA, 2006, p. 40)

Porém, Cupertino (2008), alerta para a impossibilidade de estabelecer fórmulas para o reconhecimento das características que representem a existência de altas habilidades e superdotação, o que demanda um olhar atento sobre a criança. Mesmo porque, uma criança talentosa não deixa de ser uma criança e por isso, pode

apresentar condutas típicas de sua faixa etária mesmo que contrastantes com suas habilidades. Landau (2002) acredita que a única característica que distingue a criança com altas habilidades e superdotação das demais, é o talento. Segundo ela, este talento surge “da capacidade de adquirir conhecimento, desenvolver habilidades e compreender a experiência” (GAMA, 2006, p.41). Mas ressalta que esta criança necessita de incentivo, pois caso contrário, pode desistir ou voltar seu talento para fins destrutivos e antissociais.

3.3 DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL

O estereotipo do superdotado como um indivíduo pálido e frágil não poderia estar mais distante do fenômeno observado. Diversos estudos têm demonstrado não haver qualquer diferença significativa no biótipo dos superdotados em relação aos demais indivíduos. É possível que esta ideia tenha sido assimilada devido ao fato de que muitas crianças excepcionalmente bem dotadas costumam estar adiantadas em anos escolares em relação aos colegas de mesma idade, o que as faz parecerem menores do que as outras por serem comparadas com crianças um ou dois anos mais velhas (SOUZA, 2004).

Os superdotados estão inseridos nas classes comuns. Muitas vezes, passam despercebidos. Há alunos que, embora superdotados, tem rendimento escolar inferior, pois, frequentemente, manifesta falta de interesse e de motivação para os estudos acadêmicos e para a rotina escolar, ou ainda, por não se ajustarem aos colegas de classe, o que podem desencadear problema de aprendizagem e de adaptação escolar (HOLETZ, 2004).

O que poucas pessoas sabem é que as crianças superdotadas nem sempre são bem sucedidas. Se a inteligência privilegiada as ajudam a compreender mais facilmente problemas e situações, a falta de orientação pode atrapalhar o desenvolvimento psicológico e criar uma barreira para a inserção social, pois, apesar da mente rápida, para o bom desenvolvimento emocional, essas crianças precisam das mesmas coisas que as outras às vezes em maior quantidade como compreensão, sentimento de pertencer ao grupo e nem sempre isso ocorre, pois,

primeiro lugar, elas são diferentes do grupo e percebem isso rapidamente; depois, a superdotação pode provocar desconforto nas pessoas que se relacionam com a criança, até mesmo sentimento de inferioridade, e isso pode prejudicar o relacionamento.

Segundo Lázaro (1981), tanto a negação da superdotação por parte dos adultos quanto à exibição das suas habilidades são prejudiciais e tenderão a criar problemas na área emocional e social. É tão perigoso exigir desempenho excessivo de um superdotado quanto subestimar sua capacidade. O filho superdotado poderá ser um obstáculo à auto-imagem dos seus pais, podendo acarretar comportamentos inadequados de ambas as partes.

Alguns superdotados passam por dificuldades na interação social. Muitas vezes procuram a companhia de pessoas mais maduras, na tentativa de encontrar parceiros com o mesmo nível intelectual ou o mesmo tipo de interesses. O medo de não ser aceito, especialmente na adolescência, pode levá-lo à ansiedade e a um maior envolvimento com atividades individuais. Por outro lado, algumas crianças superdotadas precisam de um ambiente solitário, talvez mais do que as outras crianças, para satisfazer seus interesses pessoais. Os pais precisam compreender e aceitar essa necessidade, desde que não prejudique o desenvolvimento da criança.

Segundo Hurlock (1964 *apud* Novaes, 1979), uma criança superdotada é frequentemente encarada como uma ameaça pelos companheiros, pois, ela pode fazer com que padrões de trabalho de classe passem a ser mais rigorosos e o professor passe a esperar mais dos alunos. Alguns até chegam a negar seu potencial com medo de serem discriminados.

Quando o superdotado traz a sala de aula suas experiências, passa a ser percebido como o diferente, o que atrapalha a aula e não deixa o professor ensinar o conteúdo. Pouco a pouco, em vez de serem estimulados, este potencial, esta curiosidade, sua expressão, seus pensamentos e sentimentos são inibidos. A consequência pode ser o fechamento, negação de si ou a agitação (PRISTA, 1992).

Na Escola, se nosso ensino fosse voltado às reais necessidades do grupo, à criatividade, a situação do superdotado seria menos preocupante. Ele estaria produzindo, não apenas reproduzindo e se entediando em sala de aula. Estariam entre seus colegas, superdotados ou não, sendo respeitado em seu estilo de pensar e aprender, recebendo atendimento de enriquecimento nas áreas que desejasse (PRISTA, 1992).

3.4 O PAPEL DA ESCOLA NA INCLUSÃO DOS ALUNOS COM ALTAS HABILIDADES E SUPERDOTAÇÃO

A Inclusão Escolar ainda é uma inovação no Brasil, se iniciando a partir da década de 90, pelo desenvolvimento de um novo modelo democrático de educação e pela formulação de leis para fundamentar e exigir que todas estas ideias e conceitos fossem postos em prática. Essas novas Leis refletiu em exigência de mudança dos sistemas educacionais já existentes. Dentre estas mudanças, buscava-se exatamente desfazer com um modelo educacional excludente, por ignorar as diferenças de seus alunos e, não elaborar nenhuma metodologia pedagógica educacional para dar conta dos mesmos.

De acordo com Carvalho (p.36):

O conceito de escolas inclusivas pressupõe uma nova maneira de entendermos as respostas educativas que se oferecem, com vistas à efetivação do trabalho na diversidade. Está baseado na defesa dos direitos humanos de acesso, ingresso e permanência com sucesso em escolas de boa qualidade (onde se aprende a aprender, a fazer, a ser e a conviver), no direito de integração com colegas e educadores, de apropriação e construção do conhecimento, o que implica, necessariamente, em previsão e provisão de recursos de toda a ordem. E mais, implica, incondicionalmente, na mudança de atitude frente às diferenças individuais, desenvolvendo-se a consciência de que somos todos diferentes uns dos outros e de nos mesmos, porque evoluímos e nos modificamos.

Nesse sentido, a escola inclusiva prevê, portanto, uma reorganização da educação procurando providenciar estratégias e métodos para que possa se concretizar o atendimento às crianças com necessidades especiais. E assim ocorre de forma igualitária a inclusão escolar em todas as instituições de ensino.

De acordo com a Declaração de Salamanca (1994, p.15):

[...] as escolas devem acolher todas as crianças com suas condições físicas, intelectuais, sociais, emocionais, linguísticas ou outras. Devem acolher crianças com deficiências e crianças bem dotadas, crianças que vivem nas ruas e que trabalham crianças de populações distantes ou nômades, crianças de

minorias linguísticas, étnicas ou culturais e crianças de outros ou zonas desfavorecidas ou marginalizadas.

Percebe-se, no entanto, que a instituição escolar possui um papel tanto quanto acolhedor dentro dessa proposta de educação inclusiva, propiciando aos alunos com necessidades especiais o acesso igualitário a rede regular de ensino. Entretanto, a sociedade escolar ainda não está adequadamente preparada para que haja a inclusão total nos estabelecimentos de ensino regular, podendo haver algumas lacunas. Assim nota-se que o papel da escola deve priorizar as políticas escolares, reconhecendo e considerando sua clientela em sua diversidade. O papel da escola também está em subsidiar a elaboração de propostas pedagógicas inclusivas, e principalmente ofertando programas de formação continuada para professores, e dessa maneira se dará uma melhor aprendizagem atendendo e priorizando as necessidades e especificidade de cada aluno de forma individual.

Segundo a Declaração de Salamanca (1994 p. 11-12):

O princípio fundamental das escolas inclusivas consiste em todos os alunos aprenderem juntos, sempre que possível, independentemente das dificuldades e das diferenças que apresentem. Estas escolas devem reconhecer e satisfazer as necessidades diversas dos seus alunos, adaptando-se aos vários estilos e ritmos de aprendizagem, de modo a garantir um bom nível de educação para todos, através de currículos adequados, de uma boa organização escolar, de estratégias pedagógicas, de utilização de recursos e de uma cooperação com as respectivas comunidades. É preciso, portanto, um conjunto de apoios e de serviços para satisfazer o conjunto de necessidades especiais dentro da escola.

Sendo assim, compreendemos que a escola deve adequar seu currículo buscando atender sua clientela dentro de suas necessidades, e priorizando a preparação de seus profissionais da educação para que haja o processo inclusivo adequado, ficando claro que todos os alunos os alunos com necessidades educacionais especiais, em especial os superdotados, não possam sofrer com a exclusão, pois, já estão amparados pela legislação há algumas décadas, como o artigo 9º da LDB de 1971, Lei 5691/71, (Brasil, 1995, p.09), que diz que “os superdotados deverão receber tratamento especial, de acordo com as normas

fixadas pelos competentes Conselhos de Educação”, premissa reiterada na LDBEN de 1996 (Pérez, 2004).

Com isso, os alunos com altas habilidades e superdotados, amparados, portanto, pela legislação brasileira, necessitam de ações diferenciadas a fim de garantir o seu desenvolvimento escolar. No entanto, a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Lei 9394/96 (Brasil, 1996) aponta que tais alunos sejam atendidos em classes comuns da rede pública de ensino.

Portanto as mudanças são fundamentais para que ocorra a inclusão, mas exige esforço de todos, possibilitando que a escola possa se mostrar como um ambiente de acolhimento e um clima sócio afetivo chegando à construção de conhecimento e valorização de habilidades e potencialidades, deixando de existir a discriminação de idade e capacidade.

No entanto, a educação deverá ter um caráter amplo e complexo, favorecendo a construção a do conhecimento ao longo da vida, e todo aluno, independente das dificuldades e necessidades especiais, poderá beneficiar-se dos programas educacionais, desde que sejam abertas as oportunidades adequadas para o desenvolvimento de suas potencialidades. Isso exige do professor uma mudança de postura além da redefinição de papéis que possa assim favorecer o processo de inclusão.

Quem aceita o processo de inclusão também acredita que todas as pessoas com necessidades especiais possuem possibilidades de se desenvolver e se integrar no convívio com demais pessoas “ditas normais” e assumir seu papel de cidadão. A escola inclusiva deve além de acolher essas pessoas e dar oportunidades de ter uma educação de qualidade, integrando esse aluno a sociedade.

3.5 O PAPEL DO DOCENTE

Hoje no Brasil, a criança com necessidades educativas especiais tem garantido por lei seu acesso ao ensino regular, podendo esse necessitar da diferenciação curricular para alguns casos.

As Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica (Ministério da Educação, 2001) apresentam algumas vantagens do atendimento ao superdotado e uma política que valoriza sua habilidade específica. Segundo as Diretrizes, altas habilidades e superdotação referem-se a alunos com “grande facilidade de aprendizagem que os leva a dominar rapidamente os conceitos, os procedimentos e as atitudes e que, por terem condições de aprofundar e enriquecer esses conteúdos deve receber desafios suplementares em classes comuns, em sala de recursos ou em outros espaços definidos pelos sistemas de ensino, inclusive para concluir, em menos tempo, a série ou etapa escolar.” (p. 39).

Outros fundamentos legais estão nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica, instituída pela Resolução nº 02 de 11 de setembro de 2001. Esta Resolução define, no Art. 3º, a Educação Especial como a modalidade de educação escolar “(...) assegura recursos e serviços educacionais especiais, organizados institucionalmente para apoiar, complementar, suplementar e, em alguns casos, substituir os serviços educacionais comuns, de modo a garantir a educação escolar e promover o desenvolvimento das potencialidades dos educandos”;

Sobre o papel do docente Carvalho (p.137-138), nos relata:

O mundo em que vivemos exige que os educadores desempenhem papéis que vão muito além de transmitir conhecimento e cultura. Assim, nesta fase de evolução histórica de paradigmas, não podemos nos limitar a repensar a educação especial, como se sua inexistência pudesse solucionar todos os problemas das escolas. A proposta inclusiva requer outro tipo de mudanças, muito mais ampla, envolvendo a educação como um todo.

Dessa maneira, pressupõe-se que o docente deve traçar objetivos no qual cria um ambiente propício para o desenvolvimento do aluno, encorajando-o a desenvolver ideias e ações, apoiando-o constantemente no seu fracasso ou progresso. Sabatella e Cupertino (2007) relatam que os educadores possuem a responsabilidade de modificar os padrões de educação e, dessa forma, elevar os padrões de ensino de todos os alunos, já que na sua busca por novas metodologias para atender os alunos superdotados, poderá, na maioria das vezes, aplicar tais metodologias aos demais alunos. Segundo Sabatella e Cupertino (2007,p.79):

Ao buscar informações sobre métodos inovadores de ensino e procedimentos indicados para alunos com altas habilidades/superdotados, os professores aprenderão melhores técnicas de planejamento e implantação de estratégias adequadas, afetando a escola como um todo.

Nesse sentido, o professor se compõe como a pessoa dinâmica capaz de impulsionar o desenvolvimento dos alunos e a interação tanto no aspecto escolar quanto no aspecto social, pois, um professor dedicado e preocupado com a aprendizagem dos seus alunos, busca aprendizado e capacitação para que seu trabalho se desenvolva de forma a oferecer uma aprendizagem eficaz e direcionada as necessidades de cada um, proporcionando melhor integração e socialização entre os envolvidos.

É recomendável, segundo Alencar (2007), que cada professor reflita a respeito do que poderia fazer no sentido de operacionalizar os seus objetivos na sua prática docente, tais como: Ajudar o aluno a desenvolver ao máximo os seus talentos e habilidades; Fortalecer um autoconceito positivo, propiciando experiências de sucesso para todos os alunos e fazendo com que eles percebam os seus "pontos fortes"; Ajudar o aluno a desenvolver bons hábitos de estudo; Incrementar a motivação do aluno, utilizando estratégias diversas para despertar e alimentar o interesse, e mesmo a expansão dos interesses do aluno; Respeitar o ritmo de aprendizagem do aluno; Incrementar um clima de aprendizagem que faça com que o aluno se sinta valorizado, respeitado e estimulado a dar o melhor de si.

Priorizar também a dimensão afetiva (sentimentos e valores) além de contribuir para o desenvolvimento social do aluno e a educação do caráter; Propiciar condições mais favoráveis ao desenvolvimento do potencial criador de cada aluno, tanto pelo fortalecimento de traços de personalidade que se associam à criatividade, como autoconfiança, iniciativa, flexibilidade, persistência, quanto encorajando e possibilitando o exercício do pensamento criativo; Criar estratégias instrucionais que encorajem o estudo independente do aluno e a investigação no contexto do conteúdo específico do currículo que estiver sendo tratado e; Permitir uma aprendizagem mais profunda em tópicos selecionados pelo aluno em áreas específicas de estudo.

No entanto, alguns docentes se fecham no conformismo ou medo de trabalhar com o diferente no qual o aluno superdotado acaba se transformando em uma ameaça para sua prática pedagógica. Por esse motivo, Holetz (2004) crê em um professor valorizador e incentivador das habilidades do aluno superdotado, que desenvolva o seu potencial, ao invés de apenas conviver com ele, estabeleça um método de cooperação pelo qual o aluno expresse suas ideias, coloque seu ponto de vista, faça perguntas e traga mais conhecimento para a sala de aula.

Para a criança com necessidades educativas especiais, não importa o qual o nível de comprometido um governo possa ser com relação à inclusão e quais são os projetos criados por ele, e sim suas experiências vividas diariamente em sala de aula dentro do contexto escolar. No entanto, as formas através das quais as escolas promovem a inclusão e previnem a exclusão constituem o cerne da qualidade de viver e aprender experimentado por todas as crianças.

3.6 O PAPEL DA FAMÍLIA

A família é o primeiro contato social que o indivíduo faz logo ao nascer, essa interação homem e meio se torna muito importante para o desenvolvimento social do ser humano. Além disso, a família é a transmissora dos valores culturais, sociais e conhecimentos em geral ao longo do tempo.

Assim, um ambiente familiar do superdotado, para Winner (1998), rico em estímulos e experiências é propício para o seu desenvolvimento. Para que isso seja possível, uma família que conta com um membro superdotado, o centro das ações familiares aliado à constante interação como perguntando e respondendo questões de interesse dos filhos, levando problemas lógicos, incentivando a leitura e, sobretudo, interagindo com este para um bem comum.

Segundo Aspesi (2007. p.31)

A interação entre a família e um membro com altas habilidades/superdotação deve ser sempre considerada como uma via de mão dupla, visto que a família é um ambiente de interação e influências bidirecionais. Por um lado, a família se apresenta como terreno fértil para o desenvolvimento das

potencialidades dos filhos, por outro ela vai adquirindo características a partir da própria demanda dos filhos ou membros.

As famílias de superdotados são preocupadas para com os filhos, ou seja, propiciam todo um aparato para garantir um ambiente saudável ao seu desenvolvimento, pois é primeiramente dentro do ambiente familiar que aparecem os primeiros sintomas ou altas habilidades. No entanto, alguns pais enxergam somente a superdotação dos seus filhos criando, desse modo, muitas expectativas em torno do filho, isso sem contar a excessiva exposição e atitudes de pressão que, possivelmente, provocarão desgastes no campo emocional e um futuro de infelicidade para seus filhos.

Assim percebe-se que a família é o primeiro contato com o mundo dos filhos, dentre eles o superdotado, assim, quando recebem ou percebem que seus filhos possuem necessidades especiais mudam o seu ritmo de vida, procurando alternativas que possam incluir, estimular estabelecendo um ambiente favorável a aprendizagem e ao desenvolvimento das habilidades dessa criança. No entanto, diante da necessidade, o mais importante a fazer é a família buscar ajuda especializada, e se inteirar de fato o assunto, buscar atendimento adequado e de qualidade estabelecendo um relacionamento familiar em que prevaleça o amor e a afetividade como coloca Silverman (1993 *apud* Delou, 2007. P. 59): “superdotação é uma questão familiar... é uma qualidade da família ao invés de uma qualidade que diferencia a criança do resto da família”.

É inegável que a família tem papel importante no desenvolvimento de uma criança superdotada, no encorajamento, na estimulação, no aspecto afetivo, dentre outros, e, também, é imprescindível apontar o ambiente escolar como um dos provedores do desenvolvimento dessa criança. Professores, coordenadores, diretores, enfim, toda a equipe escolar, na busca por uma pedagogia cada vez mais adequada às carências desses alunos.

No entanto, muitos autores desenvolvem os temas família e escola de uma forma separada, autores fazem menções à escola e à família como tendo lugares e papéis diferentes no processo educacional.

Por conta disso, se comentará sobre a relação desses atores que, por sua vez, se complementam, estabelecem um eixo de informações sobre o filho/aluno superdotado com o intuito de enriquecer e somar experiências.

A parceria entre família e a escola deve ser estabelecida por meio de contatos abertos, francos e honestos, de modo que os dois lados tenham, em comum, o objetivo de oferecer... as melhores oportunidades de desenvolvimento de seu potencial, facilitando o prazer pela aprendizagem (GAMA, 2007, p. 65).

Tal proposta, por sua vez, segundo a autora, se faz em um desafio no quais se configuram diversos caminhos e respostas objetivando sempre os múltiplos caminhos para o desenvolvimento do aluno e suas habilidades. Porém, na relação do aluno com este sistema, devem-se levar em consideração as questões emocionais do primeiro, sabendo o que fazer diante do isolamento, do perfeccionismo da amizade, dentre outros. Em suma, é necessário que se entenda as necessidades desses indivíduos especiais, pois, muitos deles têm uma percepção sobre o mundo e determinados anseios distintos dos demais em mesma idade.

Além do mais, o aluno superdotado necessita ao seu redor de pessoas interessadas que, juntamente com ele, buscam cada vez mais melhores formas de educação, atingindo todo o seu potencial. Nesse, ambiente propiciado pela família e escola, nas trocas de responsabilidades e de expectativa surgem laços de confiança que, sem sombra de dúvidas, aumenta o desenvolvimento e os objetivos do educando são mais facilmente alcançados. Em suma, os benefícios serão sentidos por todos os envolvidos: pais, profissionais da educação e, o maior beneficiado, o aluno.

A identificação da presença de altas habilidades e superdotação na criança faz se necessário a estimulação para o bom desenvolvimento das potencialidades da criança. Assim, os pais devem estar cientes em oferecer alternativas estimuladoras que proporcione conhecimentos adequados, como: museus, feiras científicas, teatros e permitindo que elas agreguem conteúdos.

É interessante que à criança, seja estimulada dentro das três inteligências: visual, auditiva e cenestésica e tenha um ambiente adequado para seu aprendizado.

À medida que a criança cresce suas habilidades vão se desenvolvendo, é interessante que a família oriente e participe da vida e escolhas que essa criança vai optando para que possa escolher alternativas relacionadas as suas especificidades. Grande parte das famílias brasileiras não tem informação sobre a superdotação, além de ter limitada possibilidade de oferecer à criança com altas habilidades a

estimulação de que ela necessita. A escola e os profissionais da educação podem auxiliar as famílias, informando e orientando quanto aos procedimentos a tomarem com os alunos com altas habilidades e superdotação.

É inegável dizer que a família e a escola são fundamentais para o desenvolvimento do superdotado, no entanto, inúmeros autores colocam a ação conjunta desses atores à afetividade. Nesse sentido, Shimma et al. (1995), reforçado por Virgolim (2007), aponta que um desenvolvimento cognitivo nem sempre é sinônimo de um bom ajustamento afetivo. Sendo assim, um bom equilíbrio afetivo, aliado a um ambiente familiar e escolar propício, se configura em maiores garantias de sucesso, embora, muitos autores abordam essa conjuntura separadamente, ou seja, que cognição estaria separada de afetividade.

Este fato, por sua vez, pode ser observado em muitas escolas no modelo atual que, por sua vez, privilegiam mais o aspecto cognitivo em detrimento do afetivo (RUIZ, OLIVEIRA, 2005).

Todavia, para Piaget (1977), a vida cognitiva e a vida afetiva são inseparáveis, pois, toda ação sugere uma estruturação e uma valorização, ou seja, não é possível se desenvolver um raciocínio cognitivo sem vivenciar certos sentimentos e, por conseguinte, não será possível desenvolver um sentimento afetivo sem ter o mínimo de compreensão ou razão.

Por isso, Taile et al (1992 *apud* RUIZ, OLIVEIRA, 2005, p. 07) salienta que:

A afetividade seria a energia, o que move a ação, enquanto a Razão seria o que possibilitaria ao sujeito identificar desejos, sentimentos variados, e obter êxito nas ações. Neste caso, não há conflito entre as duas partes. Porém, pensar a Razão contra a afetividade é problemático porque então dever-se-ia, de alguma forma, dotar a Razão de algum poder semelhante ao da afetividade, ou seja, reconhecer nela a característica de móvel, de energia.

Partindo dessas premissas, Arantes (2002) comenta que o trabalho educativo não deve considerar apenas o aspecto cognitivo ou racional pois, segundo a autora, “alunos e alunas não deixam os aspectos afetivos que compõem a sua personalidade do lado de fora da sala de aula”.

Dessa forma, a afetividade na sala de aula pode estar nas mínimas coisas, contudo, fazendo uma enorme diferença no contato professor/aluno. A afetividade,

assim, pode surgir através de um sentimento, uma atitude, um estado ou uma ação, ou seja, aparece segundo o contato entre seres humanos. Assim, o contato afetivo dos professores cria vínculos com os alunos, pelo qual, estes se sentam confiantes, se tornem amigos e, sobretudo, expressem seus sentimentos e necessidades, dinamizando, por ventura, o seu aprendizado, aumentando a sua auto-estima e potencializando o aproveitamento de suas habilidades (RIBEIRO et al., 2005).

Ferrando et al. (2005), cujos esforços se concentraram em torno da inteligência emocional relacionada à superdotação, utilizaram vários modelos teóricos no sentido de trazer à tona a importância do tato afetivo de pais e professores em relação aos filhos ou alunos superdotados.

Por conta disso, Ferrando et al. (2005), ao mostrar os resultados os modelos de Meyer et al. (2001), pode verificar que os alunos superdotados que obtiveram melhor resultado, sobre do ponto de vista emocional, tiveram, por conseguinte, uma melhor organização verbal e um melhor ajustamento emocional, principalmente quando verbalizaram sobre estas emoções.

Em virtude disso, pode-se considerar que uma inteligência emocional é principal para uma melhora no desempenho tanto cognitivo quanto verbal e social do aluno superdotado. Desse modo, o professor e a família devem estar centrados nos alunos, dentre eles os superdotados, para que este tenha amor e prazer por aprender e desenvolver-se, contudo, sem deixar de lado uma infância normal e feliz.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Hoje, percebe-se que a escola não pode viver sem a família e a família não pode viver sem a escola. A escola deve se conscientizar de que é uma instituição afetiva que complementa a família. Sem essa consciência, criaremos sujeitos que aprenderá, mas não sabem usar o que aprenderam porque estão afetivamente empobrecidos. A criança só vai gostar da escola quando houver afetividade, quando sentir que cuidam e compreende ele em suas particularidades.

Os pais de um superdotado precisam ser claros com seu filho, explicando que ele tem um talento especial, mas que não é melhor do que os outros. É importante ressaltar que no grupo social é a diversidade de talentos que traz a diversão e o desenvolvimento e que cada pessoa tem uma contribuição valiosa a dar. Ele precisa ter a certeza de que seus pais o compreendem e de que poderá falar quando quiser sobre suas dificuldades. Dessa forma a família o ajudará a desenvolver uma boa autoestima independente de sua habilidade.

Estimular a convivência, socialização e interação com outras crianças, encontrando amigos capazes de desenvolver e compartilhar determinadas atividades e descobrindo os talentos complementares dos outros, também faz parte do papel dos pais e da escola.

O atendimento especializado nas escolas cumpre uma função extremamente importante: o de conscientizar as pessoas com altas habilidades e superdotação do valor de seus traços e peculiaridades, para que elas lutem por seu pleno desenvolvimento e por seu engajamento no grupo social, e para que desejem compartilhar os frutos da sua habilidade com seus companheiros de vida.

Além disso, a escola não deve ser só um lugar de aprendizagem, mas também um campo de ação no qual haverá continuidade da vida afetiva. A escola que funciona como “casa” para o aluno poderá desempenhar o papel de parceira na formação de um indivíduo no todo, garantindo seu desenvolvimento afetivo, emocional e acima de tudo cognitivo, trabalhando suas habilidades e desenvolvendo as competências.

A existência de uma aliança entre pais e professores é altamente produtiva e eficaz. Ambos devem agir em conjunto. A própria escola precisa mostrar coesão e

transparência, trabalhando em equipe, entre si, e em relação à família de seus alunos.

REFERÊNCIAS

ALENCAR, E. M. L. S.; FLEITH, D. S. **Superdotados: Determinantes, Educação e Ajustamento**. São Paulo: EPU, 2001.

ARANTES, V. A. Afetividade e Cognição: Rompendo a Dicotomia na Educação. In: OLIVEIRA, M. K.; REGO, T. (Orgs.). **Psicologia, Educação e as temáticas da vida contemporânea**. São Paulo: Moderna, 2002.

ASPESI, C. C. A Família do Aluno com Altas Habilidades/Superdotação . In: FLEITH, D. S.(Org.). **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação - volume 3: O aluno e a Família**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. p. 29-47.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 5692/71 de 11 de agosto de 1971. **Diário oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 12 de agosto de 1971.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº 9394/96 de 20 de dezembro de 1996. **Diário oficial da República Federativa do Brasil**. Brasília, DF, 21 de dezembro de 1996.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Habilidades/Superdotação - volume 3: O aluno e a Família**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. p. 13-28.

BRASIL. SECRETARIA DE EDUCAÇÃO. **MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO**. Lei de Diretrizes e Bases da Educação para o atendimento educacional aos alunos portadores de altas habilidades/superdotação e talentos. Brasília: MEC/SEESP, 1995.

DELOU, C. M. C. O Papel da Família no Desenvolvimento de Altas Habilidades/Superdotação. In: FLEITH, D. S.(Org.). **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação - volume 3: O aluno e a Família**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. p.49-59.

DELOU, C. M. C. **Sucesso e fracasso escolar de alunos considerados superdotados: Um estudo sobre a trajetória escolar de alunos que receberam atendimento em salas de recursos de escolas da rede pública de ensino**. 2001.

Tese de Doutorado do Programa de Estudos Pós-Graduados em Educação: História e Filosofia da Educação. Pontifícia Universidade Católica – PUC/SP, 2001.

ESTRALIOTE, H. M. A.; SANTOS, L.; TRINDADE, M. A. J.; LAGO, R. A. L. **Necessidades Educacionais Especiais: altas habilidades/superdotação**. 2006. 29fls. Monografia de curso de pós-graduação Lato Sensu em Educação Especial Instituto de Estudos Avançados e Pós-Graduação – ESAP, Faculdade Iguazu, Umuarama, 2006.

FACHIN, O. **Fundamentos de metodologia**. 4. ed. São Paulo: Saraiva, 2003.

FERRANDO, M.; FERRÁNDIZ, C.; BERMEJO, R.; PRIETO, M. D. Inteligencia emocional y superdotación. In CANDEIAS, A. A. (Coord.). **Crianças diferentes: múltiplos olhares sobre como avaliar e intervir**. Évora: Universidade de Évora/PRODEP (Cd-rom), 2005. p. 76 – 102.

GAMA, M. C. S. S. **Parceria entre Família e Escola. A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação** - volume 3: O aluno e a Família. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. p. 61-73.

HOLETZ, M. S. **Superdotação: Um Olhar Psicopedagógico**. 2004. Monografia de Especialização. Faculdades Integradas Maria Thereza. Niterói, 2004.

FLEITH, Denise de Souza (org). **A construção de práticas educacionais para alunos com altas habilidades/superdotação**: volume 1: orientação a professores. - Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/seesp/arquivos/pdf/altashab2.pdf> - acesso em 29/08/2013 - as 20:52.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Marina de Andrade. Pesquisa. In: _____. **Técnica de pesquisa** 3.ed. rev.e ampl. São Paulo: Atlas, 1996. cap. 1, p. 15-36.

LÁZARO, V. **O Superdotado e a Família**. In: **VI Seminário Nacional sobre Superdotados**. Porto Alegre, 1981. Anais... Porto Alegre, 1981.

NOVAES, Maria Helena. **Desenvolvimento Psicológico do Superdotado**. São Paulo: Atlas, 1979.

PÉREZ, S. G. P. B. O aluno com altas habilidades/superdotação: uma criança que não é o que deve ser ou é o que não deve ser? In: STOBÁUS, C. D.; MOSQUERA, J. J. (Orgs.). **Educação Especial: em direção à educação inclusiva**. 2ª ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

PIAGET, J. **Psicologia da inteligência**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977.

PRISTA, R. M. **Superdotados e Psicomotricidade: Um Resgate à Unidade do Ser**. Rio de Janeiro: Vozes, 1992.

RENZULLI, Joseph S. **The Schoolwide Enrichment Model** – A how-to guide for educational excellence. Creative Learning Press, Inc. P.O. Box 320, Mansfield Center, Connecticut 06250, 1997

RIBEIRO, M. L.; JUTRAS, F.; LOUIS, R. **Análise das representações sociais de afetividade na relação educativa**. Psicologia da educação. São Paulo, vol.20, 2005.

RUIZ, V. M.; OLIVEIRA, M. J. V. **A Dimensão Afetiva da Ação Pedagógica**. Educação- rev. Ped. – UNIPINHAL. Espírito santo do Pinhal, v. 01, nº 03, jan./dez. 2005.

SABATELLA, M. L.; CUPERTINO, C. M. B. **Práticas Educacionais de Atendimento ao Aluno com Altas Habilidades/Superdotação**. In: FLEITH, D. S.(Org.). **A Construção de Práticas Educacionais para Alunos com Altas Habilidades/Superdotação - volume 1: orientação para professores**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007. p. 67-80.

SANTOS, O.B. **Superdotados: Quem são? Onde estão?** São Paulo: Pioneira, 1998.

SHIMMA, E.; TUNES, S.; BARDANACHVILI, E.; GOLDEFER, S. **Superdotados: Como tratar essa crianças tão especiais**. **Globo Ciência**, Rio de Janeiro, ano 5, nº 53, p. 28-34, dezembro de 1995.

SOUZA, B. C. **Informação e Conhecimento sobre a Superdotação Intelectual**. 2004.

WINNER, E. **Crianças superdotadas: Mitos e realidades**. Porto Alegre: Artmed, 1998.